

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Volume 14
Número 1
Junho 2025

ORIENTAÇÕES BÁSICAS PARA A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA DE PARÁBOLAS

Basic guidelines for the biblical interpretation of parables

Me. Paulo Henrique Pedrão¹

RESUMO

Este artigo investiga a forma, a função e os desafios interpretativos das parábolas de Jesus, com atenção especial à sua sofisticação literária, impacto teológico e hermenêutico. A análise percorre o desenvolvimento histórico das interpretações parabólicas, destacando o risco da alegorização excessiva e as contribuições de autores como Jülicher, Hunter, Snodgrass e Kunz. Aponta-se para a importância do *tertium comparationis* na distinção entre parábolas e alegorias, bem como para a riqueza comunicativa das parábolas, cuja estrutura narrativa e uso de elementos cotidianos provocam reflexão e resposta ativa do ouvinte. Além disso, são discutidas classificações temáticas e cronológicas que auxiliam no estudo sistemático dessas narrativas. Por fim, o artigo apresenta as ações parabólicas como expressões práticas do ensino de Jesus, destacando sua força simbólica e performativa no contexto da proclamação profética.

Palavras-chave: Parábolas de Jesus. Alegoria. Interpretação bíblica. Ensino parabólico. Ações parabólicas. *Tertium comparationis*.

ABSTRACT

This article examines the form, function, and interpretative challenges of Jesus' parables, focusing on their literary sophistication, theological significance, and hermeneutical implications. The study traces the historical evolution of parable interpretation, highlighting the dangers of excessive allegorization and the insights of scholars such as Jülicher, Hunter, Snodgrass, and Kunz. Emphasis is placed on the *tertium comparationis* as a key element in distinguishing parables from allegories, as well

¹ Mestre em Teologia, Pós-Graduado em Teologia Sistemática Contextualizada e Bacharel em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná). Bacharel em Administração pela FGV/EAESP (Fundação Getúlio Vargas – Escola de Administração de Empresas de São Paulo). Email: paulo.pedrao.fgv@gmail.com.

as on the communicative richness of parables, whose narrative structure and everyday imagery provoke reflection and demand active listener engagement. The article also explores thematic and chronological classifications that support a systematic study of these narratives. Lastly, it presents parabolic actions as practical expressions of Jesus' teaching, underscoring their symbolic and performative power within the context of prophetic proclamation.

Keywords: Jesus' parables. Allegory. Biblical interpretation. Parabolic teaching. Parabolic actions. Tertium comparationis.

INTRODUÇÃO

As parábolas de Jesus ocupam um lugar singular na tradição cristã e literária universal, constituindo cerca de um terço dos ensinamentos registrados de Cristo. Essas narrativas curtas, porém impactantes, possuem uma sofisticação literária que desafia tanto o público leigo quanto os estudiosos da teologia. Desde o uso de figuras de linguagem, como hipérbole e símbolos, até a simplicidade e acessibilidade de sua mensagem, as parábolas são uma ferramenta poderosa de ensino. No entanto, interpretar essas histórias não é uma tarefa simples, pois ao longo dos séculos surgiram diferentes abordagens e interpretações, variando desde a alegorização até a busca de uma mensagem única e central.

A importância de uma interpretação correta das parábolas de Jesus reside no fato de que essas histórias não são meras ilustrações, mas contêm lições profundas sobre o Reino de Deus, a resposta humana à salvação e a natureza do relacionamento entre Deus e a humanidade. Este estudo busca explorar as diversas abordagens para interpretar as parábolas, discutindo as armadilhas da alegorização excessiva e fornecendo orientações básicas para uma exegese cuidadosa e equilibrada.

1. AS PARÁBOLAS: FORMA, FUNÇÃO E DESAFIOS INTERPRETATIVOS

As parábolas atribuídas a Jesus nos evangelhos são especialmente propícias ao estudo literário, conforme Koester.² Essas histórias curtas frequentemente apresentam uma sofisticação notável, manifestada em mudanças abruptas de enredo, na sagacidade dos personagens, no uso habilidoso do símbolo e da hipérbole, e nos detalhes vívidos que caracterizam essas narrativas. Não por acaso, Snodgrass afirma que “as parábolas de Jesus estão entre as mais conhecidas e influentes histórias da humanidade”, sublinhando a sua relevância tanto no contexto religioso quanto na tradição literária universal.³

A relevância das parábolas para a pregação e interpretação teológica também é enfatizada por Osborne, que salienta que poucas partes das Escrituras são tão empolgantes e apropriadas tanto para a homilética (ramo da teologia que se dedica ao estudo e à prática da pregação) quanto às parábolas.⁴ O apelo dessas narrativas está, em grande parte, na sua brevidade e no seu impacto direto sobre os ouvintes, como observam Köstenberger e Patterson, que definem a parábola como “uma narrativa breve que exige uma reação do ouvinte”.⁵

No entanto, a interpretação das parábolas ao longo dos séculos não foi unânime. Até o século XX, muitos intérpretes as consideravam alegorias detalhadas, em que praticamente todos os personagens e objetos tinham uma representação simbólica. Klein, Hubbard e Blomberg descrevem essa abordagem alegórica, citando o exemplo da parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32), onde o anel dado ao filho pelo pai poderia simbolizar o batismo cristão e o banquete, a Ceia do Senhor.⁶ No entanto, essas interpretações frequentemente diferiam entre si e, por vezes, tornavam-se anacrônicas, considerando que nem o batismo

² KOESTER, 2005, p. 77.

³ SNODGRASS, 2018, p. 23.

⁴ OSBORNE, 2009, p. 372.

⁵ KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 396.

⁶ KLEIN; HUBBARD; BLOMBERG, 2017, p. 652.

cristão nem a Ceia do Senhor haviam sido instituídos no momento em que Jesus contou essa história.

A partir do final do século XIX, o estudioso liberal alemão Adolf Jülicher propôs uma nova abordagem, criticando a alegorização excessiva das parábolas. Para Jülicher, as parábolas não eram alegorias, mas sim histórias que transmitiam uma única lição moral ou espiritual. No caso do filho pródigo, por exemplo, toda a narrativa poderia ser condensada na “alegria ilimitada do perdão de Deus”. Os detalhes, segundo Jülicher, serviriam apenas para conferir realismo e cor à história.⁷

Stein reforça que, apesar da crítica à alegoria, é difícil não interpretar os convidados e seus substitutos, na parábola da grande ceia, como representações das atitudes dos fariseus, escribas e líderes religiosos, em contraste com os marginalizados de Israel. Segundo o autor, embora a parábola apresente uma lição central, ela também oferece camadas de significado que dialogam com o contexto histórico e religioso da época.⁸

A importância das parábolas de Jesus é inegável, como apontam Kunz⁹ e Hunter¹⁰, ao afirmar que essas narrativas compõem cerca de um terço dos ensinamentos registrados de Jesus. Hunter define parábola como uma forma de ensinamento baseada na comparação, derivada da palavra grega “*parabole*”, que significa comparação ou analogia.¹¹

Martinez aprofunda essa definição, descrevendo a parábola como uma narração de um acontecimento imaginário que, por comparação, deduz-se uma lição moral ou religiosa. Ele destaca que o termo “*parabolê*” vem do verbo grego “*parabollô*”, que literalmente significa “pôr ao lado” ou “comparar”.¹² A parábola, portanto, caracteriza-se pela comparação entre elementos conhecidos do cotidiano e realidades morais ou espirituais desconhecidas, encontrando-se ambas no ponto de comparação comum, o “*tertium comparationis*”, termo latino que se refere a um terceiro elemento ou critério utilizado para estabelecer comparações entre dois ou mais objetos, conceitos ou situações. Ele serve como uma base comum que facilita a análise e a interpretação, permitindo identificar semelhanças e diferenças de maneira mais clara.

Parábola é uma narração, mais ou menos extensa, de um acontecimento imaginário do qual, por comparação se deduz uma lição moral ou religiosa. Etimologicamente, o nome *parabolê* corresponde ao verbo *parabollô*, que literalmente significa pôr ao lado, comparar. Em efeito, a parábola se caracteriza porque implica na comparação de objetos, situações ou atos bem conhecidos – tomados da natureza ou da experiência – com objetos ou atos análogos de tipo moral desconhecidos. Daqueles (a imagem) se deduzem estes (a realidade que se pretende ensinar). Imagem e realidade se encontram no *tertium comparationis* – o ponto de comparação, comum a ambas.¹³

Ainda sobre a natureza figurativa das parábolas, Hunter destaca que elas são, essencialmente, expressões figurativas, sendo algumas comparações simples (símbolos) e outras metáforas expandidas em narrativas mais complexas. Por exemplo, a parábola narrativa difere de uma simples similitude ao descrever o que um homem fez, em vez de o que os homens comumente fazem.¹⁴

Por fim, Snodgrass adverte que as parábolas de Jesus são muito mais do que meras ilustrações. Embora algumas tratem de temas escatológicos, elas se referem, em grande medida, à vida no mundo presente, oferecendo lições práticas e espirituais para os ouvintes.¹⁵

2. OS PERIGOS DA ALEGORIZAÇÃO NAS PARÁBOLAS DE JESUS

Ao longo dos séculos, até o final do século XIX, prevaleceu entre os intérpretes a tendência de

⁷ JÜLICHER, 1899, p. 362.

⁸ STEIN, 1981, 2002, p. 89.

⁹ KUNZ, 2022, p. 15.

¹⁰ HUNTER, 1960, p. 7.

¹¹ HUNTER, 1960, p. 8.

¹² MARTINEZ, 1984, p. 451.

¹³ MARTINEZ, 1984, p. 451.

¹⁴ HUNTER, 1960, p. 9.

¹⁵ SNODGRASS, 2018, p. 32.

alegorizar as parábolas, como destaca Snodgrass.¹⁶ Alegorizar, nesse contexto, refere-se à prática de transformar em alegoria o que originalmente não foi concebido para tal. Ou seja, muitos intérpretes buscaram dentro das parábolas elementos da teologia da Igreja, desvinculando-se da intenção original de Jesus ao contar essas histórias. Bailey ressalta que essa abordagem, que atribui significados místicos a cada parte da parábola, complicou a interpretação das mesmas por longos períodos.¹⁷

Hunter propõe uma clara distinção entre alegoria e parábola. Segundo ele, em uma alegoria, cada detalhe da história tem uma correspondência direta com o significado pretendido. Já na parábola, o significado e a história não coincidem em cada detalhe, mas sim em um ponto central de comparação, denominado “*tertium comparationis*”. Uma parábola geralmente contém apenas um “*tertium*”, enquanto uma alegoria pode conter diversos.¹⁸

Ainda segundo Hunter, outra distinção importante entre essas duas formas de narrativa é que a parábola, para cumprir seu propósito, deve ser realista e refletir a vida como um espelho. A alegoria, por outro lado, não está sujeita às mesmas exigências de verossimilhança ou probabilidade.¹⁹ Nessa mesma linha, Hargreaves aponta que a diferença mais relevante entre ambas as formas é que, enquanto a parábola transmite uma lição principal, a alegoria oferece múltiplas lições, distribuídas por cada parte da história.²⁰

Devemos distinguir claramente entre uma alegoria e uma parábola. A diferença a ser lembrada é que, em uma alegoria, cada detalhe da história tem seu correspondente no significado, enquanto na parábola, história e significado se encontram não em todos os pontos, mas em um ponto central. Este ponto de semelhança os eruditos chamam de ‘*tertium comparationis*’. Uma parábola geralmente tem apenas um ‘*tertium*’; uma alegoria pode ter uma dúzia.²¹

O uso de parábolas, conforme Hunter, serve a um propósito divino de despertar o entendimento, apresentando a verdade de forma vívida, desafiadora e memorável.²² Além disso, essas narrativas são projetadas para estimular o pensamento crítico e apelam à inteligência através da imaginação, sendo, às vezes, comparadas a um “vidro fumê” que, embora oculte certos aspectos, tem o objetivo final de revelar.²³

Além disso, algumas parábolas possuem um elemento alegórico em sua essência, ou seja, em vez de ser apenas uma história simples com uma única lição ou moral, ela tem múltiplos níveis de significado. Cada elemento da história representa claramente algo ou alguém no contexto maior da história da salvação. Os personagens e os eventos da parábola se referem diretamente a figuras e situações reais no plano espiritual e histórico, o que caracteriza uma alegoria. Como, por exemplo, a dos arrendatários ou lavradores maus (Mt 21.33-41; Mc 12.1-9; Lc 20.9-16), em que “a parábola reproduz a história ‘eclesiástica’ de Israel”.²⁴

Interpretar parábolas como alegorias pode, no entanto, trazer certos perigos. Hargreaves identifica três riscos principais: o primeiro é dar importância a aspectos da história que Jesus não pretendia enfatizar; o segundo, pensar que o ensinamento de Jesus é algo oculto, acessível apenas a poucos intelectualmente privilegiados; e, finalmente, o perigo mais grave é projetar nossas próprias ideias na parábola, em vez de extrair dela o verdadeiro ensinamento de Jesus.²⁵

¹⁶ SNODGRASS, 2018, p. 26.

¹⁷ BAILEY, 1995, p. 25.

¹⁸ HUNTER, 1960, p. 10.

¹⁹ HUNTER, 1960, p. 10.

²⁰ HARGREAVES, 1968, p. 67.

²¹ HUNTER, 1960, p. 10.

²² HUNTER, 1960, p. 13.

²³ HUNTER, 1960, p. 13-14.

²⁴ KUNZ, 2022, p. 149.

²⁵ HARGREAVES, 1968, p. 68-69.

3. AS PARÁBOLAS DE JESUS: CARACTERÍSTICAS DISTINTAS E CLASSIFICAÇÕES INTERPRETATIVAS

As parábolas de Jesus possuem uma série de características que as tornam instrumentos poderosos de ensino. Osborne identifica algumas dessas particularidades, como a concretude, que se manifesta através de elementos do cotidiano da vida das pessoas; a concisão, que confere às narrativas uma economia de palavras; a repetição, que reforça os pontos centrais da mensagem; e a presença de uma conclusão final clara e impactante. Outro aspecto destacado por Osborne é a reversão de expectativa, um recurso frequente nas parábolas de Jesus. Os ouvintes, ao serem surpreendidos por reviravoltas inesperadas, são levados a considerar implicações mais profundas e a refletir sobre o significado real da história.²⁶

Köstenberger e Patterson acrescentam que, além de uma moral principal, as parábolas também podem conter uma moral secundária, ampliando a sua capacidade de transmissão de ensinamentos.²⁷ Kunz elenca outras características importantes, como a presença de elementos do cotidiano, incluindo temas da natureza, costumes familiares e situações recorrentes na vida diária. Essas narrativas também contêm um certo suspense, que gera expectativa nos ouvintes, e frequentemente apresentam um forte contraste ou conflito, que serve para realçar as lições morais ou espirituais.²⁸

Outro recurso comum nas parábolas é a estrutura em tríades, com três personagens ou elementos principais, o que facilita a memorização e a assimilação das lições. A inversão também é uma característica marcante, já que muitas parábolas começam favorecendo um ponto de vista que será, ao final, desfavorecido, surpreendendo novamente o ouvinte e forçando uma reavaliação da narrativa. Além disso, Kunz aponta o uso frequente de discurso direto, o que confere autenticidade às falas dos personagens, e o emprego de perguntas retóricas que instigam a participação ativa do público, exigindo deles uma resposta ou reflexão.

Outros elementos dignos de nota incluem o uso do extraordinário, em que eventos inesperados ou fora do comum ocorrem em histórias aparentemente simples, e o exagero deliberado, utilizado para enfatizar certos aspectos centrais da narrativa. Kunz ainda observa que algumas parábolas incluem detalhes irrelevantes para a compreensão global da história, como na parábola das dez virgens, em que o noivo é mencionado, mas a noiva é completamente ignorada, sem que isso interfira na mensagem principal.

Quando se trata da classificação das parábolas, vários estudiosos propõem diferentes abordagens. Kunz sugere uma organização cronológica, dividindo as parábolas em três grandes grupos: aquelas que tratam da inauguração do Reino de Deus, aquelas que discutem a dimensão do Reino, e, por fim, as que abordam a consumação do Reino. Cada grupo contém 14 parábolas, totalizando 42 narrativas que cobrem desde o início do Reino até suas manifestações futuras.²⁹

Por sua vez, John Drane oferece uma classificação temática, dividindo as parábolas em quatro categorias: as que revelam o caráter de Deus; as que tratam da resposta humana ao chamado do Reino; as que abordam as relações entre os membros do povo de Deus e o mundo ao seu redor; e aquelas que se referem ao advento do Reino futuro. Essa categorização oferece uma visão mais ampla das lições que Jesus procurava transmitir em diferentes contextos.³⁰

Roy Zuck adota uma abordagem semelhante, mas foca especificamente no Reino de Deus. Ele organiza as parábolas em sete grupos: o progresso do Reino; o conflito entre a concepção de Jesus e a dos fariseus sobre o Reino; a graça e os pecadores no Reino; as características dos cidadãos do Reino; a rejeição do Rei e de seu Reino; o julgamento dos que rejeitaram o Rei e a recompensa dos que o aceitaram; e, por fim, a vigilância e a prontidão para a vinda do Rei.³¹

²⁶ OSBORNE, 2009, p. 377-385.

²⁷ KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 411.

²⁸ KUNZ, 2022, p. 23-26.

²⁹ KUNZ, 2022, p. 27.

³⁰ DRANE, 1982, p. 119-124.

³¹ ZUCK, 1994, p. 243.

Essas diferentes classificações ajudam a estruturar o estudo das parábolas, oferecendo aos estudiosos e leitores uma maneira sistemática de entender as diversas facetas dos ensinamentos de Jesus. As parábolas, com suas características únicas e sua riqueza de significados, continuam a ser uma fonte profunda de reflexão teológica e espiritual.

4. AÇÕES PARABÓLICAS: EXPRESSÕES PRÁTICAS DO ENSINO DE JESUS

As ações parabólicas, assim como as parábolas, fazem parte de uma mesma categoria dentro do ensino de Jesus. Gustav Stählin observa que ambas pertencem à mesma família, sugerindo que as ações de caráter parabólico compartilham da mesma estrutura simbólica e comunicativa que as narrativas parabólicas.³² Krüger e Croatto seguem essa linha de pensamento, tratando tanto as parábolas quanto as ações parabólicas como integrantes de um gênero comum, o gênero parabólico.³³

Embora este trabalho se concentre principalmente nas parábolas, esses comentários ressaltam a relevância de também se atentar às ações parabólicas de Jesus. Kunz destaca que, nos Evangelhos, há diversas ocasiões em que o ensino de Jesus foi mediado por meio de ações simbólicas, conhecidas como ações parabólicas. Essas ações não serviam meramente como ilustrações para complementar a fala, mas constituíam o próprio ensino, que era transmitido de maneira não verbal. Em muitos casos, Jesus cuidadosamente planejava essas ações, e, embora algum comentário verbal pudesse acompanhá-las, a própria ação já carregava o significado pretendido.³⁴

Ballarini acrescenta que as ações parabólicas têm a capacidade de expressar uma verdade ou realidade de maneira evidente, exigindo poucas palavras para revelar o seu significado. O ato em si já transmite a mensagem com clareza, reforçando a ideia de que o gesto, por si só, é um veículo de ensino.³⁵

Fohrer aprofunda essa discussão ao argumentar que os atos parabólicos não devem ser considerados apenas como meios auxiliares de proclamação (media predicante), mas que eles próprios constituem uma forma de proclamação (predicatio).³⁶ Ou seja, essas ações não são meros apoios à palavra falada, mas se apresentam como mensagens autônomas e poderosas, com a mesma capacidade de transmitir verdades espirituais.

Kunz reforça a ideia de que as ações parabólicas compartilham as mesmas propriedades das palavras proféticas, características muito valorizadas no mundo bíblico. A palavra, na tradição bíblica, era vista como dinâmica, com o poder de realizar aquilo que anunciava. Assim, as ações parabólicas, por serem “discursos em ato” ou “palavras em ação”, tinham um impacto significativo e uma eficácia semelhante à palavra profética, ampliando o alcance e a profundidade do ensinamento de Jesus.³⁷

A ação parabólica tem as mesmas propriedades que a palavra profética, ou seja, as que o mundo bíblico conhecia como à Palavra. Este mundo era sensível ao aspecto dinâmico da palavra. Por serem discursos em ato, palavra em ação, as ações parabólicas era mais aptas para significar a eficácia para a qual tendia a palavra do profeta.³⁸

Portanto, tanto as ações quanto as parábolas de Jesus desempenhavam um papel crucial na sua missão de ensino, complementando-se e reforçando mutuamente. Se as parábolas usavam narrativas para transmitir lições profundas, as ações parabólicas ofereciam uma forma visual e prática de ensino, demonstrando a verdade de forma palpável e acessível aos seus ouvintes.

³² STÄHLIN, 1953, p. 10.

³³ KRÜGER; CROATTO, 1993, p. 130-132.

³⁴ KUNZ, 2018, p. 20-21.

³⁵ BALLARINI, 1978, p. 53.

³⁶ FOHRER, 1985, p. 64.

³⁷ KUNZ, 2018, p. 22.

³⁸ KUNZ, 2018, p. 22.

5. AUXÍLIOS PARA A INTERPRETAÇÃO DE PARÁBOLAS

A interpretação das parábolas é um dos aspectos mais desafiadores, como afirma Kunz.³⁹ Entender essas histórias exige não apenas a leitura atenta, mas também uma análise cuidadosa do contexto em que foram contadas. Klein, Hubbard e Blomberg observam que o modo como interpretamos certos personagens nas parábolas, como o samaritano ou os fariseus, pode ser influenciado por nossas ideias contemporâneas.⁴⁰ Por exemplo, muitos ocidentais hoje reconhecem o samaritano como compassivo e os fariseus como vilões, algo que difere significativamente da visão dos judeus do primeiro século, que viam os samaritanos como inimigos e os fariseus como respeitados líderes religiosos.

Para aplicar a parábola do bom samaritano a uma igreja moderna, esses autores sugerem que o pregador poderia reinterpretar os personagens de forma a impactar o público contemporâneo, talvez retratando o samaritano como uma figura que representa um grupo marginalizado ou frequentemente estigmatizado na sociedade atual. Essa abordagem certamente apresentaria novos desafios ao pregador em um contexto elitista ou preconceituoso.

Hunter reforça que as parábolas de Jesus são similitudes, e não alegorias, devendo ser interpretadas com foco em um único ponto de semelhança, o *“tertium comparationis”*, evitando-se a busca de múltiplos significados em cada detalhe.⁴¹ O objetivo das parábolas era tornar a mensagem de Jesus clara e vívida por meio de comparações familiares do cotidiano. Portanto, a chave para a interpretação de uma parábola está em identificar esse ponto central e não se perder em detalhes que servem apenas para dar vida à narrativa.

Hargreaves sugere três passos para a interpretação adequada das parábolas. O primeiro é ouvir ou ler a parábola, visualizando a cena descrita. O segundo é tentar entender a situação original em que Jesus contou a parábola, compreendendo as circunstâncias e a aplicação para as nossas vidas hoje. O terceiro passo é enxergar a parábola como uma descrição da vida humana comum, onde Deus se revela e nos oferece transformação. É nos eventos ordinários que descobrimos quem é Deus e o que Ele nos oferece.⁴²

Snodgrass aborda a complexidade da interpretação das parábolas e menciona que algumas pessoas defendem a tese de que as parábolas não necessitam ou não podem ser interpretadas.⁴³ No entanto, ele propõe um processo de 11 etapas para interpretar parábolas, que inclui ouvir a parábola sem pressuposições, lembrar que elas foram transmitidas oralmente em uma cultura oral, e tentar ouvir a história como alguém da Palestina do primeiro século ouviria. Ele também sugere analisar a função da história no ensinamento de Jesus e prestar atenção à ênfase final, além de observar como as parábolas se conectam aos ensinamentos de Jesus em outras partes das Escrituras.⁴⁴

Plummer também fornece orientações úteis, enfatizando a importância de determinar os pontos principais das parábolas, reconhecer imagens típicas, prestar atenção aos detalhes inesperados, e não tentar encontrar significado em todos os elementos da narrativa. Além disso, ele recomenda que se leve em conta o contexto histórico e literário da parábola.⁴⁵

Kunz acrescenta outros passos importantes para a interpretação, como o respeito à verdade, o estudo do contexto histórico e cultural, e a necessidade de uma exegese cuidadosa do texto original. Ele destaca que cada parábola possui uma verdade central e que buscar significados em cada detalhe pode levar à alegorização indevida. Além disso, o intérprete deve ser capaz de traduzir o significado da parábola para as necessidades contemporâneas, atualizando sua aplicação sem comprometer sua mensagem original.⁴⁶

³⁹ KUNZ, 2022, p. 29.

⁴⁰ KLEIN; HUBBARD; BLOMBERG, 2017, p. 656.

⁴¹ HUNTER, 1960, p. 38.

⁴² HARGREAVES, 1968, p. 1-5.

⁴³ SNODGRASS, 2018, p. 56.

⁴⁴ SNODGRASS, 2018, p. 57-65.

⁴⁵ PLUMMER, 2017, p. 404-413.

⁴⁶ KUNZ, 2022, p. 33-38.

Assim, a interpretação das parábolas requer uma abordagem equilibrada que considere o contexto histórico e cultural, o propósito original de Jesus e a relevância contemporânea, sem perder de vista a simplicidade e o foco central de cada história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interpretação das parábolas de Jesus é uma tarefa que exige discernimento e sensibilidade teológica, uma vez que essas narrativas apresentam tanto lições claras quanto camadas mais profundas de significado. Ao longo dos séculos, diferentes orientações de interpretação foram aplicadas, desde o alegorismo até abordagens mais modernas que buscam uma única lição central. O desafio está em evitar a tentação de alegorizar cada detalhe, mas também em reconhecer a riqueza simbólica que essas histórias carregam.

Apesar de o foco deste estudo estar nas orientações para a interpretação das parábolas, outras áreas poderiam ser abordadas, como o impacto homilético das parábolas na pregação contemporânea ou a influência cultural dessas narrativas no imaginário ocidental. De qualquer forma, as parábolas continuam sendo uma fonte vital de reflexão espiritual e teológica. Encoraja-se, portanto, que mais estudos e pesquisas sejam realizados, visando aprofundar o entendimento dessas histórias e sua aplicação prática no mundo moderno.

REFERÊNCIAS

BAILEY, Kenneth E. **As parábolas de Lucas**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BALLARINI, Teodorico; BRESSAN, Gino. **O profetismo bíblico**: uma introdução ao profetismo e profetas em geral. Petrópolis: Vozes, 1978.

BALLARINI, Teodorico. **Introdução à Bíblia III/2 – Os livros poéticos**: Salmos, Jó, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria. Petrópolis: Vozes, 1985.

DRANE, John. **Jesus**: sua vida e seu evangelho para o homem de hoje. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

FOHRER, Georg. **O gênero dos relatos sobre os atos simbólicos dos profetas**. In: PROFETISMO: coletânea de estudos. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

HARGREAVES, John. **A guide to the parables**. London: SPCK, 1968.

HUNTER, A. M. **Interpreting the parables**. London: SCM, 1960.

JÜLICHER, Adolf. **Die Gleichnisreden Jesu**. 2 vols. Freiburg: Mohr, 1899.

KLEIN, William W.; HUBBARD, Robert L.; BLOMBERG, Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**: história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica**: a tríade hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KRÜGER, René; CROATTO, J. Severino. **Metodos exegeticos**. Buenos Aires: Publicaciones Educab, 1993.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira; São Paulo: Rádio Transmundial, 2022.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Curitiba: ADSantos, 2018.

MARTÍNEZ, José M. **Hermenêutica bíblica**. Barcelona: CLIE, 1984.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PLUMMER, Robert L. **40 questões para se interpretar a Bíblia**. São José dos Campos: Fiel, 2017. E-book.

SNODGRASS, Klyne. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

STÄHLIN, G. **Die Gleichnishaftungen Jesu**. In: KOSMOS und Ekklesia: Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953.

STEIN, R. H. **An Introduction of the Parables of Jesus**. Philadelphia: Westminster, 1981.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1994.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional